MISSÃO MÉDICA BRASILEIRA NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Alunos da disciplina optativa “História da Medicina”/Trabalho Final/ 2019.
Gabriel Gonçalves Bohrer
Luiza Caroline Vieira
Wender de Souza Figueiredo

Durante a Primeira Guerra Mundial, o governo Brasileiro, depois da Declaração de Guerra ao Império Germânico e de acordo com os compromissos assumidos na Conferência em Paris (1917) organizou e enviou à França, em 16 de Agosto de 1918, uma Missão Médica com caráter militar. A Missão brasileira tinha como objetivo fundar um hospital em Paris, auxiliando os serviços de saúde aliados. (*Carlos Edson Martins da Silva)*
Os participantes dessa missão deixaram diversos relatos das suas ações durante a guerra pelos quais é possível verificar seus detalhes, além de principais conflitos internos.
(**Oficina do Historiador,** Porto Alegre, EDIPUCRS, v.8, n.1 jan./jun. 2015, p. 42-60.)

A guerra acontecia distante do Brasil e os efeitos eram pouco percebidos no país, fato que corroborou para a opção de neutralidade do país. Entretanto, durante o conflito tornou-se impossível manter a neutralidade.
Dois fatos importantes fizeram o Brasil participar da guerra. A Inglaterra era o principal consumidor de café brasileiro mas devido ao seu esforço de guerra, proibiu a importação do produto já que priorizava o uso dos portos para insumos vitais. Além disso, a Alemanha autorizou o bombardeamento de qualquer navio que penetrasse na zonas de bloqueio, fato

que deixava os navios brasileiros vulneráveis ao tentar levar seus produtos para a França e Grã-Bretanha, seus principais mercados europeus.

O bloqueio resultou no afundamento do Navio *Paraná* em 5 de abril de 1917, um dos maiores navios da marinha mercante brasileira. O navio carregado de café, mesmo navegando de acordo com as exigências para países neutros, foi atacado por um submarino alemão a poucas milhas do Cabo Barfleur, na França, episódio que resultou na morte de três marinheiros brasileiros.

O afundamento gerou fortes manifestações populares exigindo uma postura do governo brasileiro, fato que gerou a queda do ministro de relações exteriores (favorável a neutralidade do país), ataques aos estabelecimentos comerciais e propriedadesde alemães e seus descendentes e culminaram com o rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e o Bloco

Germânico em 11 de abril de 1917.

Nos meses seguintes ao rompimento das relações diplomáticas, o Brasil confiscou 45 navios alemães que estavam em portos brasileiros alegando indenizações de guerra. Estes navios corresponderam a um quarto da frota mercante brasileira. Cerca de 600 marinheiros alemães de um total de 1.200, tripulantes destes navios foram detidos na qualidade de “internados” e recolhidos ao Sanatório Naval de Nova Friburgo, onde a Marinha criou uma infraestrutura para abrigá-los.

A missão médica saiu do partiu do Brasil no dia 18 de agosto de 1918. Na praça Mauá cerca de 4 mil pessoas se despediam do grupo, inclusive o presidente Wenceslau Brás. Chefiada pelo Dr. Nabuco Gouvêa, contava com 86 médicos, somando-se a seis médicos que já estavam atuando ali. Havia ainda 17 estudantes de medicina, 15 esposas dos médicos atuando como enfermeiras e 16 outros membros como farmacêuticos, intendentes e secretários.

O navio escolhido foi o Paquete *La Plata* da companhia “Transports Maritimes de Marseille”. A viagem foi cheia de atribulações. Um radiograma conduziu a um desvio na rota de Dakar para Freetown, possivelmente, uma ameaça submarina alemã. Em Dakar, a Missão Médica Brasileira foi recebida com festas. Partindo desta cidade, a tripulação rapidamente foi infestada por um mal desconhecido, difundido rapidamente por toda a

tripulação inclusive 1500 soldados senegaleses que foram embarcados nos porões da embarcação. A epidemia fez muitas vítimas fatais, dentre eles 4 membros da Missão Médica, O 1º Tenente Scylla Teixeira, 1º Tenente Farmacêutico José Brasil da Silva Coutinho, o 2º Tenente Intendente Octavio Gomes dos Passos e o 2º Tenente Intendente Paulo de Mello Andrade. Se tratava da gripe espanhola, provocada pelo vírus Influenza A H1N1A, que ceifou cerca de 40 milhões de vidas naquele tempo, 300 mil só no Brasil.

A Missão Médica chegou à França pelo porto de Marselha em 24 de setembro de 1918. Logo buscou se estabelecer o plano de contribuição ao serviço de saúde, que contava com um hospital central com 500 leitos e um contingente de ambulâncias *auto-chir.* Entretanto, apenas os grandes hotéis tinha a infraestrutura necessária e seu aluguel era inviável para despesas brasileiras. A solução encontrada foi adaptar um colégio Jesuíta na *rue Vaugirard*, que apesar dos investimentos de reforma seria cedido sem custos.

Concomitante à chegada dos brasileiros foi a da epidemia, o que exigiu da missão uma mudança de planos, se disponibilizando para o combate desse novo inimigo. As autoridades francesas ficaram muito agradecidas considerando um “gesto espontâneo de solidariedade médica”. Nesse propósito, médicos brasileiros foram enviados para várias partes da França. O chefe da missão viu neste emprego uma importante forma de ganharem experiência nas linhas de frente da guerra, familiarizando com técnicas médico-cirúrgicas empregadas nos Serviço de Saúde Militar francês, o que seria útil posteriormente no Hospital Brasileiro.

Concomitante aos atendimentos de pacientes da gripe espanhola, ocorriam as reformas no prédio para que pudesse ser adaptado a um ambiente hospitalar adequado. Prédio este que foi disponibilizado pelo Serviço de Saúde francês, na ‘Rue de Vaugirard’. No setor administrativo eram comandadas pelo governo francês e monitoradas pela Direção de Engenharia Militar francesa. Porém, os custos eram assumidos pelo governo brasileiro. Houve compra de material médico cirúrgico, mobília e utensílios hospitalares e medicamentos, graças ao governo francês. A Missão Médica Militar teve grande notoriedade também devido a seus integrantes, que ficaram em Paris preparando o prédio que seria adaptado de modo a enquadrar-se como um hospital, o “Hospital Franco Brasileiro para as Vítimas da Guerra”. Os participantes conseguiram agilizar o processo de forma eficiente. Médicos e cirurgiões ficavam em hospitais militares franceses praticando medicina e cirurgia de guerra enquanto o hospital não começava a funcionar. Levou-se o

tempo de um mês e meio para sua ativação, um prazo admirável se comparado a outros hospitais em condições de instalação semelhantes.

Havia pressa para que fosse concluída a entrega do hospital reformado até no próximo 15 de novembro, porque era a data em que um novo presidente assumiria o cargo, e Venceslau Brás passava o cargo. O hospital contava com salas de operações, enfermarias, salas de curativos, equipamentos de radiologia, de fisioterapia, refeitório, rouparia, salão de leitura e local para banho. Havia também uma cozinha, lavanderia para esterilizar roupas e uma sala de hidroterapia. A estrutura era moderna. O hospital brasileiro era considerado o melhor de Paris, entre os mantidos pelos governos de outros países, que também vieram para auxílio médico. Foi classificado como de primeira classe e tinha capacidade de receber pessoas que estivessem com quaisquer graus de ferimentos.

Ao fim da guerra, com a assinatura do armistício, era iminente que a Missão Médica fosse dissolvida, pois teoricamente não haveria mais necessidade de os integrantes da missão continuarem dando apoio se não havia mais guerra. Porém, durante o ano de 1918, ainda eram necessários esforços de apoio médico do Brasil para os franceses, pois ainda havia muitos feridos devido a episódios sangrentos derivados da “ofensiva dos cem dias”. Com a troca de presidente, em 15 de novembro de 1918, Delfim Moreira toma posse e não via necessidade de manter os médicos brasileiros que estavam prestando apoio à França. No início de janeiro de 1919 é ordenado que todos os integrantes da Missão voltassem ao Brasil, por ordem do General Alberto Cardoso de Aguiar, novo ministro. Houve insatisfação do chefe da Missão, porque este claramente tendo noção da situação em Paris, sabia que a assinatura do armistício não iria resolver as consequências deixadas pela guerra de uma hora para outra, tinha consciência de que demandaria tempo para que as coisas voltassem próximas do que era o normal. Essa insatisfação foi apresentado por ele ao ministro da Guerra, e assim conseguiu um tempo para que o retorno ao Brasil não fosse de imediato.

Por fim o ministro da Guerra repensa sua decisão e permite a manutenção do hospital, porém este deveria passar às mãos de médicos da marinha e exército, dentre os que faziam parte da Missão Médica e da Missão Militar do Exército. Parte dos integrantes teve que regressar ao Brasil. Diante disso, houve insatisfação por parte de chefes de serviços de saúde da França. Portanto, o governo brasileiro permitiu que mais 5 médicos pudessem ficar na França. Pertencente à Missão Militar, o coronel-médico Rodrigo de

Araújo Aragão Bulcão foi o responsável pela direção do hospital. Relatos demonstram que o hospital ficou ativo até o fim de 1919, aproximadamente. As instalações do hospital foram doadas para as vítimas da guerra e os materiais à Faculdade de Medicina de Paris, recebendo oficialmente em 16 de julho de 1920. Houve homenagens a médicos brasileiros que participaram da missão, dando seus nomes às enfermarias, e além disso, alguns receberam a Comenda da Legião de Honra e Título de Oficial da Instrução Pública da França. Houve também a integração do espaço doado à Universidade de Paris, tornando-se uma das melhores escolas para formação clínica cirúrgica. Em 1968, a administração geral do hospital é passada para a Assistência Pública-Hospitais de Paris.

A missão médica deixa um legado de solidariedade e de grandeza. Deixaram sua terra, sua família, alguns deixaram sua própria vida para realizar a atitude de socorrer o próximo. Em meio a um dos períodos mais conturbados da sociedade, a primeira grande guerra, as relações de companheirismo e empatia foram de suma importância. Tudo isso serve de inspiração para as novas gerações de médicos brasileiros, que devem também deixar o seu legado na sociedade prestando serviços de qualidade, com solidariedade e dedicação, sempre honrando essa memória.

REFERÊNCIAS

SILVA, Carlos Edson Martins da.A Missão Médica Especial brasileira de caráter militar na Primeira Guerra Mundial*

A MISSÃO MÉDICA BRASILEIRA NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL ATRAVÉS DE RELATOS E MEMÓRIAS DE SEUS PARTICIPANTES

THE BRAZILIAN MEDICAL MISSION IN THE FIRST WORLD WAR THROUGH NARRATIVES AND MEMORIES OF ITS PARTICIPANTS